

O PENSAMENTO COMPLEXO COMO ESTRATÉGIA DE RESGATE DA CONDIÇÃO HUMANA NA FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM

Elane da Silva Barbosa – Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em enfermagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível mestrado – POSEDUC da UERN. Bolsista da CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo – GECOM/UERN.

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca - Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professor do Departamento de Ciências Sociais e Política da UERN. Vice-diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UERN. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível mestrado, da UERN; professor do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da UERN. Líder do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo - GECOM/UERN.

RESUMO

Na universidade, vem prevalecendo a construção de conhecimentos técnico-científicos visando à inserção no mercado de trabalho. Refletir sobre essa questão torna-se relevante na formação em enfermagem, na qual se discute a necessidade de resgate do ser humano. Este estudo objetiva socializar resultados parciais de pesquisa em andamento no Mestrado em Educação da UERN, sobre a compreensão de condição humana construída pelos docentes de enfermagem dessa Universidade na formação do enfermeiro. Trata-se de investigação qualitativa, cujos colaboradores são os docentes e os discentes do curso de enfermagem da UERN, tendo a observação e a entrevista semi-estruturada como estratégias para coleta dos dados. Neste momento, a pesquisa se encontra na fase do levantamento bibliográfico e colhendo os primeiros depoimentos; como suporte teórico dialogamos com autores como: Backes *et al.* (2010), Carvalho (2008), Dowbor (2008), Esperidião (2001), Kruse (2003), Morin (2007). Enquanto resultados, identificamos que, na formação em enfermagem, a condição humana vem sendo esquecida em nome da formação profissional que investe no objetivismo, racionalismo, redução do ser humano a um ser meramente biológico. É importante que os docentes aceitem o desafio de (re)pensar sua compreensão de condição humana e as estratégias utilizadas para construí-la. O pensamento complexo semeado por Morin pode ser um aliado na (re)descoberta da formação humana na enfermagem. Além de sensibilizar para a reflexão sobre a essência do ser humano, pode apontar a (re)ligação dos saberes como estratégia para ver, ouvir e sentir a condição humana na sala de aula. Palavras-chave: Condição humana. Formação em Enfermagem. Pensamento complexo.

INTRODUÇÃO

Na graduação, enquanto trabalho de conclusão de curso, procuramos refletir sobre a forma que a condição humana estava sendo abordada na técnica ensinada/praticada no curso de enfermagem. Identificamos que os docentes vislumbravam a técnica como um ato mecânico, um conjunto de etapas. Parecia não existir espaço para o humano na técnica de enfermagem. Os alunos desse curso, no entanto, nos surpreenderam ao dizer que a técnica poderia ser um espaço de (re)descoberta da sua condição de ser humano ao encontrar com a humanidade do outro humano, o usuário (BARBOSA, 2011).

Decidimos continuar com esse estudo numa pós-graduação *stricto sensu*, procurando entender, agora, a compreensão de condição humana que os docentes do curso de enfermagem possuem e as estratégias pedagógicas utilizadas para construí-la com os alunos.

Edgar Morin em *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* nos fala que a fragmentação do saber em disciplinas, a dicotomia entre sujeito e objeto, a separação razão *versus* emoção vem tornando o universo acadêmico um espaço voltado para a profissionalização do ser (MORIN, 2003). É imperceptível nesse contexto a construção de um *locus* de vivência da subjetividade, de conhecimento das emoções e dos sentimentos dos sujeitos, de reflexão sobre a vida humana, enfim de formação humana.

Sem nos darmos conta, essa formação excessivamente profissional tem gerado seres humanos estranhos em relação à sua condição humana (FONSECA; ENÉAS, 2011, p. 17). Seres que não vivenciam a sua subjetividade, que não sabem demonstrar seus sentimentos, que sentem dificuldade de reconhecer seus limites, que não fazem dos erros fonte de aprendizado e crescimento.

Dialogar sobre essa temática ganha mais relevância quando nos reportamos para a formação do profissional em enfermagem, em que tanto se discute, atualmente, o resgate do cuidado e da humanização. Entretanto, não nos questionamos porque precisamos falar de humanização com seres que tem por característica *ser* ser humano ou falar em resgate de cuidado, como nos diz Heidegger (2000), quando os seres humanos tem na sua na essência o cuidado.

Se o ser humano é constituído pelo cuidado e está perdendo a capacidade de cuidar, o humano está, portanto, se distanciando da sua condição humana. Em *Uma arte de cuidar: estilo alexandrino*, Jean-Yves Leloup estimula-nos a (re)descobrir a dimensão cuidadora da existência humana dos profissionais de saúde. Leloup retorna à Antiguidade para aprender com a sabedoria dos terapeutas de Alexandria, na Grécia, que não tratavam a doença do sujeito, e sim o sujeito que se encontrava doente. Cuidavam do *ser* do ser humano, e não apenas dos sinais e dos sintomas das patologias. Entendiam e atendiam o ser humano na sua integralidade, como um ser físico, psíquico, espiritual (LELOUP, 2009).

Para que esse terapeuta pudesse cuidar das pessoas dessa forma, precisava reconhecer o ser humano numa perspectiva ampliada, como um ser biológico, psíquico, espiritual, com emoções e sentimentos, já que “segundo nossa maneira de considerar o ser humano, nossos modos de acompanhá-lo e de cuidá-lo serão diferentes” (LELOUP, 2009, p. 43).

Esse pensamento pode ser incorporado, atualmente, na saúde: a compreensão que o profissional de saúde/o enfermeiro tem sobre ser humano vai influenciar a forma como cuidará desse ser humano. A formação pode se constituir nesse espaço profícuo para que o sujeito desvele a sua condição humana e, como consequência, possa enxergar a condição de *ser* ser humano do outro.

O docente, como mediador do ensinar/aprender, pode instigar e ajudar os alunos a embarcarem nessa aventura em busca de si mesmo. Para Dowbor (2008), as práticas pedagógicas, em muitos casos, continuam a reproduzir modelos sem procurar transformações porque o professor tem dificuldade de questionar a si mesmo. Colocar em xeque as ideias que o orientam e a orientação que ele dá às ideias. Fazer uma auto-análise da sua prática pedagógica.

Por isso a necessidade de estudos que estimulem os educadores a refletirem sobre a sua compreensão de condição humana para que, então, possam auxiliar o aluno no resgate da sua identidade humana.

Este artigo objetiva, portanto, apresentar os resultados parciais de pesquisa que está sendo desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, sobre a compreensão de condição humana construída pelos docentes na formação em enfermagem.

METODOLOGIA

Estamos construindo investigação de natureza qualitativa, a qual, segundo Bogdan e Biklen (1994), não estabelece as questões a serem investigadas a partir de variáveis. As questões são formuladas com o objetivo de estudar os fenômenos em todos os seus aspectos e na realidade em que se inserem. A pesquisa qualitativa permitirá percorrer os caminhos das significações, das opiniões e das vivências dos sujeitos sobre a condição humana na formação em enfermagem.

Trata-se de investigação de campo, visto que “se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (CRUZ NETO, 1997, p. 51). Quanto à forma da pesquisa é explicativa, pois procura detectar e entender os aspectos que explicam um determinado fenômeno ou realidade (BASTOS, 2009, p. 77).

A Faculdade de Enfermagem – FAEN/UERN será o cenário desta pesquisa, porque foi nesse *locus* que nos sentimos instigados a pensar sobre a condição humana na formação em enfermagem. Os colaboradores desta investigação serão quatro docentes e três discentes do curso de enfermagem que estarão se aventurando na (re)descoberta da sua essência humana nas disciplinas *Enfermagem no processo saúde-doença do adulto* e *Enfermagem no processo saúde doença da terceira idade*, ministradas no sétimo período.

Optamos por trabalhar com essas disciplinas, porque abordam conteúdos teórico-práticos que capacitam os alunos para atuar nos serviços de saúde: unidades básicas, hospitais, unidades de pronto-atendimento, “[...] em nível coletivo e individual, no processo

saúde/doença da criança, do adolescente, do adulto e da 3ª idade, na promoção, proteção e recuperação da saúde” (UERN, 2001, p. 39). Isto é, são construídos conhecimentos que possibilitam aos discentes se inserirem nas instituições de saúde, produzindo um cuidado em enfermagem a outros seres humanos. Ficamos interessados em conhecer como os docentes constroem a compreensão de condição humana nessas disciplinas.

Embora nosso objetivo seja identificar a compreensão de condição humana que os docentes possuem e as estratégias que utilizam para construí-la em sala de aula, optamos por trabalhar com ambos os atores do processo ensino-aprendizagem, por acreditarmos que os discentes poderão ajudar os docentes a refletir sobre a sua prática pedagógica em relação à condição humana e, principalmente, tornar perceptível a essa pesquisa a compreensão desses docentes sobre essa temática.

O aluno nesta pesquisa, tomando de empréstimo as palavras de Morin (1984, p. 135), será o “segundo olhar do próprio observador”. Por conviver mais com o docente, o aluno terá a oportunidade de suscitar reflexões que só podem ser sentidas por quem vive a cada dia junto com o professor a aventura de ser humano na formação em enfermagem.

Ao trabalhar com alunos e docentes, não temos a intenção de confrontar as opiniões no sentido de apontar quem está certo ou errado. Não existe certo ou errado na condição de *ser* ser humano. Existem apenas aproximações diferentes, olhares possíveis, leituras pertinentes ou não sobre a condição humana.

Para a construção dos dados, utilizaremos duas estratégias complementares: a entrevista semi-estruturada e a observação. Morin (1984) fala que a entrevista permite conhecer a essência do entrevistado em relação ao tema enfocado. “A entrevista levou-nos ao último continente inexplorado do mundo moderno: o outro” (MORIN, 1984, p.136).

Segundo Minayo (1997), a entrevista semi-estruturada trata-se de uma conversa realizada com a finalidade de conhecer a opinião, as concepções, as significações do sujeito sobre um determinado assunto, sendo esse diálogo conduzido por um roteiro de perguntas previamente estabelecido. A entrevista semi-estruturada não se restringe apenas ao que está posto no roteiro. O roteiro é norteador. À medida que a entrevista vai acontecendo, outros questionamentos podem ser formulados a partir das respostas construídas.

Bastos (2009, p. 97) define a observação como a técnica de construção de dados que “[...] lança mão dos sentidos humanos para registrar certos parâmetros da realidade, que são utilizados não apenas como um mero ouvir e ver e muito mais como um procedimento importante no exame crítico de certos fatos da investigação”. Na observação, os detalhes, impossíveis de serem captados por questionamentos, emergem da realidade ressignificando as

questões de estudo. “O pormenor deixa de ser um acessório para se tornar revelador” (MORIN, 1984, p.134). Vamos trabalhar com a observação do tipo sistemática e não participante. Sistemática: o pesquisador a planeja previamente, estruturando os pontos a serem observados. Não participante, porque o pesquisador se limita a observar os acontecimentos (ANDRADE *apud* BASTOS, 2009, p. 97).

O primeiro passo no caminho da produção do conhecimento é o levantamento bibliográfico, o qual fundamenta teoricamente o pesquisador acerca da temática em estudo (BASTOS, 2009, p. 78 e 79). A pesquisa atual se encontra nessa etapa, então faremos a seguir breve relato dos autores que nos alicerçam na construção dessa investigação.

RESULTADOS

Estamos nos tornado profundos conhecedores das teorias, ferrenhos defensores das normas, exímios sistematizadores da nossa vida profissional. Temos, no entanto, nos convertido em ignorantes no território em que deveríamos ser corajosos desbravadores: nós mesmos, provavelmente porque “nenhum perigo seria maior do que ver a si mesmo” (NIETZSCHE, 2007a, p. 63).

Não conseguimos nos encontrar com nós próprios, porque não sabemos o que fazer com nós mesmos. Não há manuais ou receitas que nos ensinem a agir diante do término de um relacionamento, de um sonho frustrado, de um amor que se foi sem dizer adeus. Fugimos de nós mesmos. Engano: não há como fugir de nós mesmos. Estamos apenas anestesiando os nossos sentimentos, entorpecendo as nossas emoções.

Ao negarmos essa sensibilidade, adormecemos lentamente a nossa condição humana e estamos “[...] perdendo o dom da escuta de si, escuta dos apelos que já não conseguimos mais ouvir, escuta da dor que fomos obrigados a silenciar” (FONSECA, 2003, p. 193) e, como consequência, “começamos por desaprender a amar os outros e acabamos por não encontrar em nós mesmos nada que seja digno de ser amado” (NIETZSCHE, 2007b, p. 264). Precisamos caminhar, agora, em busca de nós próprios. O humano precisa caminhar ao (re)encontro da sua condição humana.

Um desses caminhos é repensar a forma como produzimos conhecimentos, como articulamos as ideias, como ensinamos e como aprendemos (MORIN, 2003). A cada dia que passa sabemos muito mais sobre cada vez menos, afinal são muitas informações, porém poucos conhecimentos e quase nenhuma sabedoria. Morin (2003) diz que a educação vem formando sujeitos com saberes especializados, parcelados, específicos a determinadas áreas, que sabem muito do mundo exterior, mas pouco do seu próprio mundo. E do mundo do outro.

Particularmente na universidade, a grande tônica tem sido a formação profissional, isto é, a construção de conhecimentos técnico-científicos que possibilitem a inserção dos sujeitos no mercado de trabalho. Como nos afirma Jiddu Krishnamurti, não há nada de errado em preparar os indivíduos para exercerem uma profissão. A questão é que vivemos excessivamente essa formação profissional, esquecendo-nos que “a educação deve, sobretudo, estimular uma visão integrada da vida” (KRISHNAMURTI, 1994, p. 45).

Para Edgar Morin, a educação deveria desempenhar alguns papéis: ajudar os sujeitos a desenvolver a cabeça bem feita, isto é, a aptidão para identificar e tratar os problemas, a partir da organização e religação dos saberes; a autoformação da pessoa humana, a qual se refere a auxiliar as pessoas a assumirem a sua condição humana, a aprender a conviver com as incertezas e a viver e, por fim, a aprendizagem cidadã (MORIN, 2003). Como sintetiza Carvalho (2008, p. 19): “a dupla função da educação consiste em acoplar necessidades básicas de formações e competências, com atitude metaprofissionais sintonizadas com a natureza, a cultura, o cosmo”.

A discussão acerca da formação humana se faz pertinente em todas as áreas, porém precisa ecoar ainda mais forte na formação em saúde/em enfermagem. Terezinha Petrúcia da Nóbrega em *Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito* diz que, a partir do século XVII, o modelo cartesiano influenciou o desenvolvimento da ciência e da educação. René Descartes objetivava unificar os conhecimentos por meio das certezas racionais, particularmente a matemática. Estabeleceu a separação entre saber lógico e saber sensível. Elaborou uma explicação do corpo humano sob uma perspectiva mecanicista (corpo movido pelas leis da natureza e da matemática) e reducionista (corpo reduzido às suas partes), comparando-o a uma máquina (NÓBREGA, 2000).

Em *Formação do Sujeito e Transdisciplinaridade: história de vida profissional e imaginal*, Patrick Paul expõe que a medicina foi fortemente influenciada pela compreensão de corpo-máquina. O corpo passou a ser vislumbrado apenas no aspecto biológico, sendo reduzido aos sistemas, aos órgãos, às células. Como se para conhecê-lo melhor fosse necessário fragmentá-lo. Essa visão dualista, fragmentada, reducionista, mecanicista, especializada sobre o corpo humano continua a prevalecer na formação médica nos dias atuais. (PAUL, 2008). Aliás, não apenas na formação do médico, mas na formação em saúde como um todo, inclusive na formação do enfermeiro.

Paul (2008) sugere que esse tipo de formação acaba distanciando o sujeito da sua essência humana, porque não há espaço para vivenciar sua subjetividade, sentir emoções, expressar sentimentos. Precisa somente aprender os mecanismos fisiopatológicos da doença.

Ter habilidades e competências técnicas. Saber o tratamento medicamentoso a ser seguido. Apenas isso. É como a formação em saúde fosse vivenciada apenas como uma formação profissional, negando a formação humana.

Vivemos mais uma ilusão. A ilusão de separar formação profissional de formação humana. Mesmo quando a formação não aborda, explicitamente, a condição humana, ainda assim está construindo uma compreensão sobre a mesma. Uma compreensão implícita, subentendida, nas entrelinhas. Não falar é uma forma de falar. Não abordar a condição humana na formação é construir uma concepção que nega a própria condição humana.

A dissociação entre ser profissional e ser humano pode ser, facilmente, identificado na formação em enfermagem. Maria Henriqueta Luce Kruse em tese intitulada *Os poderes dos corpos frios – das coisas que se ensinam às enfermeiras*, afirma que na formação em enfermagem se caminha para um distanciamento do sujeito em relação a si mesmo. Isso começa nas aulas de anatomia, em que são trabalhados “corpos frios”, ou seja, são apenas cadáveres, destituídos de uma história, de uma subjetividade, de uma vida humana. Situação que persiste durante o curso, no momento da construção dos conhecimentos relativos à técnica, os alunos “treinam” nos laboratórios em bonecos sofisticados, que tentam imitar as reações biológicas do corpo humano. Continua na forma como se ensina a manter a “distância” em relação ao usuário, não se deixando envolver pela história do outro. E a própria relação hierárquica estabelecida entre professor e aluno (KRUSE, 2003).

Elizabeth Esperidião, em dissertação *Holismo só na teoria: a trama dos sentimentos do acadêmico de enfermagem sobre sua formação*, constatou que a formação está mais voltada para os conhecimentos técnico-científicos, deixando em segundo plano a abordagem das questões referentes ao ser humano. Os alunos relataram dificuldade de articular o que aprendem na sua vida profissional com a sua vida pessoal (ESPERIDIÃO, 2001).

Edgar Morin pode ajudar os professores a refletir sobre o *ser* ser humano. Em *O método 5 – A humanidade da humanidade* convida-nos a pensar que a condição humana não se refere somente a um aspecto biológico. A condição do ser humano é uma condição uni - multidimensional. Ser humano é ser biológico, ser cultural, ser histórico, ser psíquico, ser social, ser um ser com emoções e sentimentos. Ser *sapiens-demens*, movido pela razão, pela objetividade, pela lucidez, pela lógica, mas também pelos sonhos, pelos devaneios, pela loucura, pela sensibilidade (MORIN, 2007). A condição de ser humano é ser muitos em um só e ser um só em muitos.

Edgar Morin, além de ajudar os docentes a (re)pensar a sua concepção de condição humana, também poderá levá-los a (re)formular as estratégias pedagógicas utilizadas em sala

de aula para construir essa compreensão de ser humano junto aos alunos. Uma dessas estratégias poderá ser a transdisciplinaridade e o pensamento complexo. Para Morin (2003), muitas vezes ficamos limitados aos saberes que estão confinados nas disciplinas e não enxergamos além. “O excesso de separação é perverso na ciência, pois torna impossível religar os conhecimentos” (MORIN, 2007, p. 101). Situação que nos leva a uma compreensão reducionista do ser humano. É necessário o olhar transdisciplinar. Olhar que ultrapassa as disciplinas. Olhar que rompe as fronteiras entre os saberes. Olhar que estabelece diálogo entre os diversos conhecimentos (MORIN, 2003, p. 105).

Carvalho (2008, p. 20) alerta-nos que “[...] a transdisciplinaridade não sepulta a figura do especialista, o que seria algo insensato, mas aposta na formação de educadores sistêmicos, polivalentes, abertos, mestiços, arlequinados, reflexivos, críticos, exílicos, amorosos, utópicos”. Da mesma forma que não nega a figura do especialista, a religação dos saberes não pretende acabar com as disciplinas. “Ela não acaba com as disciplinas, sejam elas quais forem. Seria descabido e insensato não reconhecer os progressos dos conhecimentos na contemporaneidade”. A transdisciplinaridade deseja romper com a burocratização dos saberes, as estratégias de dominação e as bibliografias ultrapassadas para apostar nas artes, na literatura, na criatividade (CARVALHO, 2008, p. 21). Portanto, “o que se busca são metapontos de vista a partir dos quais se possa entender a interação dos domínios multidimensionais da vida” (CARVALHO, 2008, p. 20).

O docente, numa perspectiva transdisciplinar, é aquele capaz de ter um olhar polissêmico e polifônico dos conhecimentos. Mesmo estando numa disciplina que se propõe a construir determinados saberes, consegue estabelecer diálogo entre os diversos conhecimentos. Morin (2003, p. 76) nos exemplifica: “As aulas de conexão bioantropológicas deverão ser dadas com a indicação de que o homem é, ao mesmo tempo, biológico e totalmente cultural, e que o cérebro estudado em Biologia e a mente estudada em Psicologia são duas faces de uma mesma realidade”.

A enfermagem, ainda que timidamente, começa a (re)pensar sua prática docente a partir da complexidade. Backes *et al.* (2010) em *Repensando o ser enfermeiro docente na perspectiva da complexidade* afirmam que a formação dos profissionais de saúde foi, e ainda é, historicamente, marcada por metodologias assistencialistas com abordagem fragmentadora, biologicista e reducionista, justamente reproduzindo a forma como o serviço em saúde acontecia nas instituições. Separava-se razão de emoção e as aulas eram expositivas, centrada na figura do professor, sem espaço para a participação dos alunos. Esse modelo de ensino-aprendizagem vem sendo cada vez mais questionado. A complexidade pode ser um dos

caminhos para reinventar a formação do enfermeiro, dentre vários motivos por propor uma religação dos saberes (BACKES *et al.*, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo acadêmico, prevalece a formação técnico-científica que visa à inserção dos sujeitos no mercado de trabalho. A formação humana vem sendo esquecida. A universidade, obviamente, deve ter a preocupação de construir conhecimentos que possibilitem às pessoas exercerem uma profissão e, como consequência, ocupar um posto de trabalho. A grande questão é que, atualmente, vivenciamos em demasia essa formação do profissional. Esquecemo-nos da formação integral do humano. É preciso recordar que o ser profissional integra o ser humano.

Na formação em saúde, essa dissociação entre ser profissional e ser humano tem consequências muito sérias: gera um enfermeiro que não reconhece a sua condição humana e, como tal, não reconhece a condição humana do outro, aquele que procura as instituições de saúde. Resultado: produção de um atendimento tecnicista, racionalista em saúde, que reduz o outro a apenas mais um caso, um número de um quarto, uma patologia.

Hoje, amplamente se discute a necessidade de humanizar os profissionais de saúde ou resgatar a sua dimensão cuidadora, ou seja, recorda-lhes a sua identidade humana. Entretanto, ainda há poucas pesquisas que se reportem para a compreensão de condição humana que vem sendo construída na formação em enfermagem. Entendemos que a concepção de condição humana que está sendo construída nas aulas influencia os discentes sobre a visão que terão de si mesmo, da sua condição humana. Por isso, a necessidade de que os docentes aceitem o desafio de (re)pensar sobre a compreensão de condição humana que possuem e as estratégias pedagógicas utilizadas para construí-la em sala de aula.

O pensamento complexo semeado por Edgar Morin pode ser um grande aliado para essa (re)descoberta da formação humana na enfermagem. Além de sensibilizar para a reflexão acerca do “humano do humano”, isto é, a essência do ser humano, Morin pode ajudar a (re)pensar as estratégias pedagógicas utilizadas para ver, ouvir e sentir a condição humana na sala de aula. Uma dessas estratégias é a (re)ligação dos saberes. Fazer dialogar as disciplinas. Unir, congregar, juntar os diferentes conhecimentos para entender a condição una e múltipla de um ser que é, ao mesmo tempo, num só: racional e passional, subjetivo e objetivo, técnico e mítico. Capaz de realizar atrocidades e guerras. Capaz também de sacrificar a própria vida pelo outro.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Elane da Silva. **...Nem deuses, nem super-heróis, mas seres humanos:** refletindo sobre a condição humana dos discentes e dos docentes a partir da técnica de enfermagem ensinada/praticada na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. 2011. 105 f. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2011.

BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências humanas e complexidades:** projetos, métodos e técnicas de pesquisa: o caos, a nova ciência. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. Disponível em: <<http://www.scribd.com/.../BASTOS-Rogerio-Ciencias-humanas-e-complexi...>>. Acesso em: 16 de novembro de 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Edgar de Assis Carvalho. Saberes complexos e educação transdisciplinar. In: **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 17-27, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/download/.../9370/>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2012.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 7 edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro.** 2 edição. São Paulo: Cortez, 2008.

ESPERIDIÃO, Elizabeth. **Holismo só na teoria:** a trama dos sentimentos do acadêmico de enfermagem sobre sua formação. 2001. 106 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-06112001-115453/pt-br.php>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2011.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. O lado sensível da concretude do mundo. In: ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Angela Maria de (Orgs.). **Polifônicas ideias:** por uma ciência aberta. Rio Grande do Sul: Sulinas, 2003.

_____; ENÉAS, Luzia Ferreira Pereira. Por um reencantamento da educação. In: ANDRADE, Francisco Ari de; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Orgs.). **Formação de professores e pesquisas em educação:** teorias, metodologias, práticas e experiências docentes. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 7 edição. Parte I e II. Petrópolis: Vozes, 2000.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A Educação e o significado da vida.** São Paulo: Cultrix, 1994.

KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **Os poderes dos corpos frios** – das coisas que se ensinam às enfermeiras. 2003. 158 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3436>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

LELOUP, Jean-Yves. **Uma arte de cuidar:** estilo alexandrino. 2 edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 7 edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORIN, Edgar. **Sociologia:** a sociologia do microssocial ao macroplanetário. Portugal: Publicações Europa América, 1984.

_____. **Os meus demônios.** Portugal: Europa América, 1995.

_____. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O método 5:** A humanidade da humanidade: a identidade humana. 4 edição. Porto Alegre: Sulina, 2007 b.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; Motta, Raúl Domingo. **Educar na era planetária:** o pensamento complexo método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecco homis:** de como a gente se torna o que a gente é. 2 edição. Porto Alegre: L&PM, 2007a.

_____. **Aurora.** 2 edição. São Paulo: Escala, 2007b.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito.** Natal: EDUFRN, 2008.

PAUL, Patrick. **Formação do sujeito e transdisciplinaridade:** história de vida profissional e imaginal. São Paulo: Centro de Estudos Marina e Martin Harvey, 2008.

SILVA, Juremir Machado da. A caminho do método. In: GALEANO, Alex; CASTRO, Gustavo de; COSTA, Josimey (Orgs.). **Complexidade à flor da pele:** ensaios sobre a ciência, cultura e comunicação. São Paulo: Cortez, 2003.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Faculdade de Enfermagem. **Projeto Político Pedagógico do curso de enfermagem.** Mossoró: UERN, 2000.